



BASEmóvel - projeto Contracondutas.
Fonte: Vitor Cesar, 2017

Um encontro profícuo: a participação da UNIFESP no projeto Contracondutas

Thiago Tozawa Matias¹

Rodrigo Pacheco de Oliveira²

Orientadores: Prof. Dr. Vinicius Spricigo e Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes

Pesquisa desenvolvida no âmbito do Laboratório de Pesquisa e Práticas em História da Arte III do curso de Graduação em História da Arte – UNIFESP e em parceria com o projeto Contracondutas

A Associação Escola da Cidade (AEC) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por meio da Unidade Curricular Laboratório de Pesquisa e práticas em História da Arte III (LAB III) do curso de graduação em História da arte, estabeleceram uma parceria para o desenvolvimento de práticas reflexivas de curadoria e mediação no âmbito do projeto Contracondutas: pesquisa sobre trabalho e migração na construção civil. Este artigo tem por objetivo apresentar esse profícuo encontro, realizado por intermédio de um diálogo entre o exercício crítico das práticas curatoriais e as atividades de pesquisa e extensão realizadas pelo projeto Contracondutas. O Laboratório III acompanhou e estabeleceu reflexões críticas com as propostas de intervenção pública, por meio de conversas, debates e exercícios de mediação pública. Tendo em vista o caráter extensionista da unidade curricular, foi proposto como resultado desta parceria, a construção de um dispositivo expositivo itinerante que está sendo realizado conjuntamente com a Escola da Cidade, e que em sua concepção permitirá responder algumas demandas e questões do projeto Contracondutas, assim como possibilitar a criação e experimentação de formas de mediação crítica que articulem as atividades didático-pedagógicas e pesquisas realizadas na UNIFESP com a comunidade de Guarulhos.

Palavras-chave

curadoria de arte; mediação; extensão acadêmica

A fruitful meeting: the participation of UNIFESP in Contracondutas project

The Associação Escola da Cidade (AEC) and Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), through Course Unit Laboratory of Researches and Practices in History of Art III (also known Laboratory III) of History of Art Graduation Course established a partnership for the development of reflective practices of curatorship and mediation within the framework of the Contracondutas Project: research on labor and migration in civil construction. The purpose of this article is to present this fruitful meeting, held through a dialogue between the critical exercise of curatorial practices and the research and the extension activities carried out by the Contracondutas Project. Laboratory III followed and established critical reflections with the proposals of public intervention through conversations, debates and exercises of public mediation. Considering the extensionist nature of the curricular unit, it was proposed as a result of this arrangement, the construction of an itinerant exhibition device that is being carried out jointly with the Escola da Cidade, and that in its conception will allow to answer some demands and questions of the Contracondutas project, as well as to enable the creation and experimentation of forms of critical mediation that articulate didactic-pedagogical activities and research conducted at UNIFESP with the community of Guarulhos.

Keywords

art curatorship; mediation; academic extension

Un encuentro fructífero: la participación de la UNIFESP en el proyecto Contracondutas

La Associação Escola da Cidade (AEC) y la Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por medio de la Unidad Curricular Laboratorio de Pesquisa y prácticas en Historia del Arte III (LAB III) del curso de licenciatura en História del Arte, hicieron una asociación para el desarrollo de prácticas reflexivas de curaduría y mediación en el ámbito del proyecto Contracondutas: pesquisa sobre trabajo y migración en la construcción civil. El presente artículo tiene el objetivo de exponer este fructífero encuentro, realizado a través de un diálogo entre el ejercicio crítico de las prácticas de curaduría y las tareas de investigación y extensión hechas por el proyecto Contracondutas. Laboratório III siguió y propuso reflexiones críticas sobre las intervenciones públicas, a través de charlas, debates y ejercicios de mediación pública. Considerando el carácter extensionista de la disciplina, fue propuesto como resultado de esa este trabajo en conjunto, la construcción de un dispositivo expositivo itinerante que va a ser construido con la Escola da Cidade, lo cual, en su concepción, va a permitir responder algunas demandas y cuestiones del proyecto Contracondutas, y permitir la creación y experimentación de formas de mediación crítica que articulen las actividades didáctico-pedagógicas y pesquisas realizadas en UNIFESP con la comunidad de Guarulhos.

Palabras-clave

curaduría del arte; mediación; extensión académica

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar a participação dos alunos da Unidade Curricular Laboratório de Pesquisa e Práticas em História da Arte III do curso de Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no Projeto Contracondutas: pesquisa sobre trabalho e migração na construção civil. Esta disciplina cumpre um papel estratégico no Projeto Pedagógico do curso, conjuntamente com os outros laboratórios, os quais têm como objetivo principal aproximar o aluno das diversas manifestações artísticas e visuais, com as quais deverá lidar no decorrer de sua vida profissional ou acadêmica. O módulo III – sob coordenação dos professores Vinicius P. Spricigo e Pedro Fiori Arantes – privilegia, especificamente, os processos de curadoria e mediação. Tendo em vista seu caráter extensivista, a disciplina, ministrada no segundo semestre de 2016, buscou uma aproximação entre o exercício crítico das práticas curatoriais realizadas em sala de aula e as atividades de pesquisa e extensão vinculadas ao projeto Contracondutas. Como resposta a um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), aplicado por decisão do Ministério Público do Trabalho de Guarulhos a uma construtora brasileira flagrada com trabalho análogo à escravidão na expansão do Aeroporto Internacional de Guarulhos, destinou-se parte dos recursos (provenientes da multa aplicada à empresa) à Associação Escola da Cidade. O objetivo desta ação reparatória é a realização de um projeto que problematize e promova o debate público referente ao impacto das grandes obras de infraestrutura, à migração e ao trabalho análogo a escravo, fomentando o debate sobre o reconhecimento dos direitos do trabalho.

A disciplina foi uma oportunidade singular, que possibilitou aos alunos estar diante de uma experiência de um processo de curadoria e mediação em tempo real. O projeto Contracondutas foi fundamental para envolver os estudantes em atividades que expandissem suas competências, e talvez tenha sido a primeira vez que muitos participantes tiveram um contato tão próximo e intenso com artistas e sua produção, sobretudo de forma instrumentalizada em sala de aula. Este convite de colaboração da Escola da Cidade contribuiu significativamente para a formação de competências e experiências dos alunos da UNIFESP envolvidos no projeto.

A participação dos alunos de Laboratório III do Curso de História da Arte da UNIFESP teve como um dos objetivos acompanhar e discutir as intervenções públicas dos artistas envolvidos no projeto Contracondutas, trabalhando, refletindo e desenvolvendo as propostas com eles, pensando hipóteses e sugestões que pudessem contribuir para as intervenções públicas: “Caderno de Campo”, por Vânia Medeiros; “Centoeonze”, pelo Coletivo Metade (Ana Tranchesi e Isabella Beneduci Assad); “Em paralelo”, por Danielli Wal, Guilherme Garmatter, Mayara Wal, Milene Gil, Semyramys Monastier, selecionados para compor o projeto Contracondutas por meio de uma chamada aberta. Contamos ainda com a participação de artistas e arquitetos convidados como “*Mise en scène / Maquete*”, por Raquel Garbelotti; “GRU III: Contracartografias”, pelo NEC-USP e, por fim, o “Coletivo 308”, último convidado a participar do projeto por indicação dos discentes. Todas as propostas receberam R\$12.000,00 de remuneração, e R\$20.000,00 para os custos de produção.

Pensar, analisar, discutir e refletir crítica e conjuntamente sobre o projeto Contracondutas foi basicamente a condição adotada pelos alunos da UNIFESP, sempre com a perspectiva de que se tratava de um Termo de Ajustamento de Conduta, referente ao impacto das grandes obras de infraestrutura, à migração e ao trabalho análogo a escravo em que estavam envolvidos os trabalhadores da construção do Terminal 3 do Aeroporto Internacional de Guarulhos, fomentando-se o debate sobre o reconhecimento dos direitos do trabalho.

O Laboratório III foi realizado em dois âmbitos – aulas teóricas e encontros com os envolvidos no projeto –, na qual se promoveram discussões e debates sobre as propostas de intervenções, refletindo principalmente sobre a persistência do trabalho escravo no Brasil e seus reflexos no âmbito da cultura, com especial ênfase às questões locais, que envolvem a comunidade de Guarulhos, os moradores, os trabalhadores e os territórios impactados pelas obras de expansão do aeroporto. As principais discussões envolveram as correlações mais amplas entre aeroporto, arquitetura, trabalho, infraestrutura, precarização, exploração, identidade, controle e fluxos, domesticação dos corpos, relação público e privado – questões presentes nas diferentes intervenções, cujas

respostas contaram com a contribuição plural das linguagens artísticas e dos diferentes contextos que cada proposta foi elaborada dentro desta narrativa que os atravessa.

O *campus* Guarulhos da UNIFESP foi criado em 2007 como Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), decorrente da expansão das Universidades Federais (Reuni), e o Curso de Graduação em História da Arte, por sua vez, foi inaugurado em 2009. O Projeto Pedagógico Acadêmico propõe a integração entre as áreas de conhecimento das Ciências Humanas, e intenciona formar cidadãos aptos a atuar de forma crítica e propositiva em seus campos de trabalho e na sociedade. Apesar de se destacar pela qualidade de ensino e pela produção acadêmica, a EFLCH trabalha para consolidar seu caráter extensionista, pois ainda não possui plena integração da comunidade com a universidade. Localizada no bairro dos Pimentas, na periferia de Guarulhos, cumpre a função de ser mais que um espaço de produções gestadas na interface dos diferentes saberes; a UNIFESP almeja cumprir ali uma função social de produção e difusão do conhecimento, buscando contribuir para a construção de uma sociedade democrática e menos desigual.

Neste sentido, o *campus* Guarulhos e o Aeroporto Internacional de Guarulhos apresentam semelhanças em sua relação com a cidade, um espaço que lhe pertence, mas, ao mesmo tempo, não a integra socialmente. Ambos são locais de passagem, e muitas pessoas se utilizam deles sem criar vínculos de pertencimento. Espaços alienados à própria cidade, as pessoas que os frequentam nem sempre se reconhecem ali, utilizando-os muitas vezes com finalidades bem determinadas, sem estabelecer maiores vínculos ou assumirem um caráter de pertencimento. De um lado, temos o aeroporto como um local de passagem para aqueles que utilizam o transporte aéreo; por outro, trabalhadores que reconhecem o local como instrumento de trabalho e não de formação de uma identidade coletiva. Há ainda a comunidade de Guarulhos, para a qual o aeroporto é somente um espaço de difícil acesso e que contribui muito pouco econômica e socialmente para a cidade, não colaborando na construção da identidade dos guarulhenses e servindo apenas como um espaço para referência e criação de marketing e propaganda da cidade.

A UNIFESP, por sua vez, encontra-se em processo de realização plena de seu papel

extensionista de integração social. A maioria dos alunos vem de outros municípios, tendo que se deslocar para lá com o único intuito de estudar. Quando se encontram alunos oriundos de Guarulhos, eles residem em outros bairros (pouquíssimos alunos residem no entorno da Universidade). Desta forma, a contribuição social da universidade, enquanto construtora de uma identidade ou de integração e pertencimento, é ínfima. Entretanto, diferentemente do aeroporto, a UNIFESP está em um processo de consolidação – a universidade funcionou em uma unidade provisória de 2012 até 2016 para a construção de um novo prédio no *campus*, buscando, com isso, ampliar sua capacidade. Afastada da periferia da cidade e concentrando-se na região central durante este período, a UNIFESP acabou se distanciando de suas práticas extensionistas junto à comunidade dos Pimentas, a qual, após seu retorno, em abril de 2016, vem passando por um intenso processo de retomada e aprimoramento – com a expectativa de que, ao fim das reformas, possa, cada vez mais, efetuar sua função integral como universidade, agregando ações que promovam seu reconhecimento junto à cidade de Guarulhos.

Neste sentido, e visando contribuir para a integração da universidade com a cidade, a Escola da Cidade, em parceria com o Contracondutas e sob coordenação do artista e professor Vitor César, propôs a construção de um dispositivo expositivo, proposta que foi recebida com grande entusiasmo pelos alunos da UNIFESP. Tratava-se de uma oportunidade não só para auxiliar na exposição, mas, principalmente, para auxiliar a própria universidade nas práticas extensionistas junto à cidade de Guarulhos. Esse dispositivo foi, então, e desde o início, entendido como uma base itinerante que, ao responder a algumas das demandas e questões do Contracondutas, poderia também se tornar um instrumento de aproximação entre universidade e comunidade.

Isto posto, o presente artigo tem como um de seus principais objetivos apresentar as questões presentes no Laboratório III que circundou a criação desta ação, pensada principalmente como um dispositivo expositivo itinerante que pudesse auxiliar no caráter extensionista não só da disciplina como da própria universidade.

Ao longo do semestre, foram discutidas todas as propostas de intervenção que envolveram o projeto, tendo como ponto de partida aquilo a que se propõe a disciplina enquanto laboratório

de experimentação e criação de formas de curadoria e mediação crítica. O dispositivo proposto tem por objetivo contribuir, por um lado, com as demandas e questões que envolvem o projeto *Contracondutas* e, por outro auxiliar na articulação das atividades que contemplem o projeto pedagógico da universidade com a comunidade de Guarulhos, por meio de práticas que permitam a criação e a experimentação de formas de mediação crítica, que articulem as atividades didático-pedagógicas e pesquisas realizadas dentro da UNIFESP com a comunidade de Guarulhos, por meio de um espaço de aproximação e de encontro que rompa com os muros fechados da universidade.

Apresentaremos o processo de discussão da construção deste dispositivo itinerante, apontando a construção do conceito que circunda a produção deste dispositivo, permitindo refletir sobre outras formas e modalidades de curadoria e mediação crítica, por meio de um espaço de discussão e experimentação entre universidade e comunidade. Por fim, apontaremos as conclusões que emanaram deste encontro profícuo e permitiram um alargamento das possibilidades de articulação entre teoria e prática na Unidade Curricular Laboratório de Pesquisa e Práticas em História da Arte III do curso de Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

2 A oportunidade de construção de um dispositivo em parceria com o *Contracondutas*

A oportunidade criada com a parceria entre a UNIFESP e a Escola da Cidade é altamente profícuo, principalmente se considerarmos todo o processo que se desenvolveu (encontros, as discussões, seminários, fórum). O *Contracondutas* nasceu em resposta a um TAC, e espera-se que ele seja capaz de problematizar e promover o debate sobre o impacto das grandes obras de infraestrutura, à migração e ao trabalho análogo a escravo. É possível afirmar que isto aconteceu durante o projeto, mas por ora não em esfera pública e abrangente, talvez, embora isso ainda possa ocorrer – sobretudo após a implicação do público nas intervenções (boa parte das produções artísticas trabalham com métodos que envolvem o público somente ao final da produção). Se considerarmos, contudo, o número de participantes ao longo do processo, certamente isto foi realizado, mesmo com a dificuldade de encontro entre as diversas esferas da sociedade

envolvidas em um único processo: participantes de diversas universidades, artistas, coletivos de arte, acadêmicos e trabalhadores envolvidos, fomentando o debate.

No que se refere especificamente à reminiscência materializada deste profícuo encontro, abriu-se a possibilidade de construção de um dispositivo itinerante que pudesse agregar encontros e atravessar os muros da universidade, além de promover debate sobre as questões suscitadas no âmbito do *Contracondutas*.

O dispositivo expositivo itinerante (referido durante o projeto como *BASEmóvel*), desenvolvido junto com o artista Vitor César, vem revelando-se uma interessante oportunidade para a UNIFESP. Por meio das contribuições dos alunos, idealizou-se, coletivamente e no âmbito do projeto *Contracondutas*, um objeto que ocuparia os mais diversos espaços de Guarulhos. A intenção era relacioná-lo com público/comunidade, estabelecendo um diálogo com coletivos de arte e agentes culturais de toda cidade – o que contribuiria para que a UNIFESP não fosse vista apenas como um espaço alienado, mas que ocupasse um espaço habitado pela comunidade e que nela pudessem ser agregados encontros que possibilitassem a construção de um conhecimento partilhado. Buscou-se, assim, problematizar as questões inerentes à estruturação de espaços expositivos, os problemas de gestão pública da arte, visando compreender as relações de poder que estruturam, hierarquizam e delimitam o sistema das artes, incluindo exatamente aqueles que dela estão apartados, atravessando e rompendo as relações entre arte e política.

Foi proposto um encontro com o artista e, após conhecer seu histórico e suas propostas de *BASEmóvel*, percebeu-se que ela funcionava bem em espaços restritos ao âmbito institucionalizado da arte (galerias, centros culturais e bibliotecas), o que, a princípio, não atendia aos anseios dos professores e alunos da UNIFESP – que a imaginaram em uma escala muito maior e com objetivos ambiciosos. Vitor César, porém, demonstrou estar totalmente aberto ao diálogo com alunos e professores, possibilitando que a *BASEmóvel* não se tornasse um objeto de fetichização – “um museu de cubo branco sobre rodinhas” –, restrito a um espaço institucionalizado. O dispositivo seguia a concepção de outros trabalhos realizados pelo artista, ampliando seus limites, entendendo-o não como uma estrutura arquitetônica, mas, antes, como um espaço de

encontro entre sociedade e universidade, de forma a contribuir com o projeto de pesquisa e extensão acadêmica e os interesses futuros das práticas laboratoriais.

A BASEmóvel pretendia-se como instrumento que ajudasse a promover (mesmo de forma restrita) a dissolução do modelo de poder que rege a sociedade e os domínios do ensino e da arte, a pensar ações que promovessem a arte fora de um sistema hegemônico e a partir de uma relação horizontal, na qual o conhecimento e as possibilidades são partilhadas e não impostas (contrariamente às relações dadas de forma vertical, por meio de subordinação e domínio).

A construção coletiva desta obra vem sendo um termômetro e produzirá um instrumento amplo, agregador e com maior ação dentro da proposta de mediação. A BASEmóvel foi pensada prioritariamente para que grupos que estão à margem – como as comunidades periféricas de Guarulhos, que têm poucas chances de acessar o sistema institucional das artes (museus, galerias, centros culturais e locais onde existem produções artísticas em profusão) – pudessem acessar o domínio das artes. A BASEmóvel em si tem uma proposta motivadora, e o ponto principal a se levar em consideração dentro do processo de criação artística é o fato de que este instrumento tem um processo criativo de construção baseado em uma forma coletiva de abranger a formatação da obra, o que possibilita um alcance considerável de seu resultado, diferentemente dos modelos tradicionais de criação de uma obra (individuais e que se limitam a interesses restritos).

3 O conceito da BASEmóvel: um dispositivo itinerante de “partilha do sensível”³

O conceito da BASEmóvel foi pensado, em uma perspectiva ética e estética, como um dispositivo para atuar entrelugares de encontro e de partilha da sensibilidade coletiva. Trata-se, sobretudo, de pensar aqui a função, o alcance e os limites de possibilidade deste dispositivo, que talvez permita à UNIFESP romper com os “muros” da universidade, do Saber institucionalizado e organizado dentro de uma lógica do Poder, promovendo novas formas de mediar, agregar e partilhar. Para além do acúmulo do capital cultural teórico, a BASEmóvel deve produzir coletivamente experiências reais capazes de criar novas formas de (contra) condutas, novos meios de pertencimento e

povoamento dos espaços, e novas “linhas de fuga”⁴

Trata-se de pensar o Saber para além de uma prática discursiva que se encontra especificada no domínio constituído do status científico-acadêmico, e produzi-lo em um espaço de “partilha do sensível”, em que o sujeito possa tomar posição para falar dos objetos que ocupam seu discurso, por meio de um processo permanente de (re)significação e de (re)apropriação das possibilidades de conhecimento e de utilização desse espaço de encontro e partilha.

O conhecimento – como muito bem estudado por Foucault em diversos livros como “A arqueologia do saber”, “A ordem do discurso” e “Vigiar e punir” – é produzido nas correlações entre poder e saber:

o poder produz saber [...] não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essa relações de “poder-saber” não devem ser analisadas a partir de um sujeito de conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (FOUCAULT, 1987, p.27)

O conhecimento é formado através de relações entre sujeitos e poderes, de tal modo que o saber gera poder na pessoa que o legitima. Assim, o poder está presente na sociedade, pois somos regidos por leis que aparecem como uma verdade estabelecida nos discursos, a fim de sermos disciplinados, limitando e controlando as potencialidades dos indivíduos em todas as camadas sociais. Nesse sentido, a constituição do saber é resultado das formas de exercício e organização do poder, presentes em todas as relações do tecido social. A proposta é que o conhecimento seja produzido neste espaço de encontro de forma horizontal, contra qualquer tipo de relação vertical de subordinação ou domínio, na qual não se pretende um espaço exilado da sociedade e nem de exclusão, mas de

inclusão, integração e coesão social, por meio da partilha nas mais diversas possibilidades de atuação, propondo uma forma heterogênea de atuação que compreenda os mais diversos campos culturais (escolas, parques, praças, terminais de ônibus, coletivos ou espaços culturais), evidenciando sua capacidade de reinventar seus processos de interatividade em cada nova experiência, enquanto espaço em constante renovação e mutação.

Ao dizer que a base deve ser um dispositivo, podemos pensá-la a partir do conceito foucaultiano presente em seus livros sobre a “História da sexualidade” (principalmente no livro I, “A vontade de saber”, muito bem analisado por Deleuze em texto “O que é um dispositivo?”). Trata-se de um mecanismo de poder com múltiplas possibilidades em jogo, um lugar das interações, que pode permitir um conjunto heterogêneo de relações e que dispõe de duas dimensões principais – curvas de visibilidade e curvas de enunciação, ou por assim dizer, máquinas de fazer ver e de fazer falar.

O que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. [...] Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Dessa maneira, as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si. É sempre por via de uma crise que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha. [...] As primeiras duas dimensões de um dispositivo, ou aquelas que Foucault destaca em primeiro lugar, são as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. O certo é que os dispositivos são como [...] máquinas de fazer ver e de fazer falar (DELEUZE, 1990, p.155).

Não se trata de iluminar objetos preexistentes, ou de legitimar discursos pré-determinados, mas de evidenciar o conceito de visibilidade, que não é simplesmente o que se vê, mas

aquilo que se pode (o que se consegue) ver, de produzir o conhecimento a partir do enfrentamento dos sujeitos, em um exercício de si sobre si, em que o indivíduo, na relação corpo a corpo que cada um estabelece consigo e com a presença de um outro, seja capaz de (re)criar e (re)inventar-se como parte incisiva desta coletividade partilhada.

Fazer ver e fazer falar são as principais características a que se pretende este dispositivo. A visibilidade permite se realizar, ao se difundir e distribuir o visível e o invisível, um espaço que possa promover o ver (saber / conhecimento) e o dizer (poder / discurso). Trata-se de compreender as posições diferenciais dos elementos envolvidos, curvas que distribuem variáveis. Um dispositivo implica linhas de forças, que operam idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo e penetrando as coisas e as palavras, produzindo uma luta, por meio de um conjunto de “práticas e de mecanismos que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito” (AGAMBEM, 2009, p.35) Sua principal função é promover o encontro, agregando em si a função de “meio”, funcionando como agente capaz de formular e partilhar orientações éticas e estéticas, estabelecendo diálogos em torno de diferentes discursos culturais e artísticos.

A base deve ser móvel, como a potência de um “pensamento nômade”,⁵ ou seja, um pensamento que privilegie o trajeto e não de onde se partiu ou onde se vai chegar. E isso por meio de uma multiplicidade de experiências, o que possibilita a criação de novas formas de pensamento, de “linhas de fuga”, por meio da resistência ético-estético-política, fazendo destes espaços de encontro, espaços de resistência aos dispositivos de controle dos corpos. O entrelugares do encontro das sensibilidades ocupa os espaços coletivos dos corpos autômatos – dado ser um espaço de encontro e promoção dos processos de subjetivação, nos quais somos mais que organismos, somos, antes, território de afetos. Esse dispositivo deve ser uma base de experimentações para os corpos que ali se colocam em sua força de criação, permitindo a potencialização por meio dessas “linhas de fuga”.

Não se trata apenas de um dispositivo potencializador da experiência estética, mas de um espaço de “partilha do sensível”, um espaço de mediação que seja capaz de captar as práticas artísticas, que em si são formas de produção de

arte e que buscam formas modelares de ação e distribuição dos dispositivos de sensibilidade coletiva, e, por intermédio deste espaço, enfatizar as interconexões simbólicas presentes entre historicidade das formas e o conjunto dos principais vetores morais, sociais e políticos presentes. Trata-se de um dispositivo que permite a heterogeneidade, no qual os discursos sejam partilhados. E isso, em um processo que possibilite a (re)criação de novos sentidos e significados, por meio das interações entre os sujeitos que visem à promoção de novas formas de povoamento dos espaços – não apenas territoriais, mas humanos, afetivos, éticos e estéticos –, com múltiplas possibilidades de organização sociopolíticas que atuam e pesam sobre nós.

Assim, nós, sujeitos, devemos, pois, habitá-lo para modificá-lo, retomá-lo como prática em outras práticas, em que o conhecimento é produzido no encontro entre sujeitos que compartilham uma sensibilidade coletiva, em que a arte e a (contra)cultura venha dar respostas e contributos significativos para o desenvolvimento ético e estético dos territórios que possam vir a ocupar – favorecendo, deste modo, possíveis “linhas de fuga”, em que o desejo possa fluir e construir nas relações partilhadas de sensibilidades, novas maneiras de ser, sentir e agir. O que faria da vida uma arte, e da arte, uma política.

4 Considerações finais

Um encontro profícuo: assim pode ser resumida a parceria criada entre Escola da Cidade e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) realizada no segundo semestre de 2016 sob coordenação dos professores Vinicius P. Spricigo e Pedro Fiori Arantes, privilegiou reflexões sobre os processos de curadoria e mediação, aproximando o exercício crítico das práticas curatoriais e dialogando com as atividades de pesquisa e extensão realizadas pelo projeto Contracondutas.

Esse encontro, que continua, provavelmente trará grandes resultados. A Escola da Cidade, por meio do projeto Contracondutas (que caminha para sua etapa final), convidou dentre os discentes da Unidade Curricular Laboratório III, dois alunos da UNIFESP para estagiar no encerramento do projeto e, com isso, acompanhar e desenvolver as atividades finais, justamente a realização junto ao público dos

trabalhos de intervenção pública e a construção do dispositivo expositivo itinerante BASEmóvel.

Nesse sentido, esse encontro foi prolífico não apenas nos processos desenvolvidos até o presente momento, mas, sobretudo, naquilo que poderá ser desenvolvido a partir do projeto Contracondutas. Não foram apenas exercícios, encontros, discussões, debates, seminários, fóruns e afins, mas a criação e experimentação de formas de mediação crítica e de curadoria, articulando o exercício crítico das práticas curatoriais com as atividades de pesquisa e extensão. Com a realização da BASEmóvel, será possível, por intermédio dos laboratórios, criar e experimentar diferentes formas de mediação que permitam articular as atividades didático-pedagógicas com as pesquisas realizadas na universidade, com a cidade de Guarulhos.

A própria construção desta Unidade Curricular, um tanto experimental, possibilitou fazer dela uma criação e construção coletiva, diferentemente dos métodos tradicionalmente adotados, nos quais a construção é restrita e vertical. A dinâmica utilizada ao longo do semestre priorizou uma construção coletiva, envolvendo todos os participantes na própria produção – isto é, uma arte participativa, uma das principais questões suscitadas no Laboratório III. É exatamente esse tipo de participação e construção que se deseja criar na instalação do dispositivo expositivo itinerante, priorizando um processo horizontal, no qual o público possa se envolver durante o processo construtivo, trazendo para dentro do sistema das artes quem dela está excluído.

Uma das principais críticas presenciadas durante as discussões no Laboratório era exatamente esta, a de que os métodos adotados envolvam o público somente ao final, como acontece em grande parte das produções artísticas. Refletindo sobre isto, muito foi pensado sobre a possibilidade de trazer para dentro do próprio projeto seu público, ou seja, privilegiar os moradores e os trabalhadores impactados pelas obras de expansão do aeroporto. Talvez, com isso, fosse possível adotar novas formas de mediação, em que o próprio público se tornaria agente mediador e participativo, em um trabalho realizado coletivamente e por meio de uma “partilha do sensível” dos diferentes agentes.

Outra crítica que segue este mesmo posicionamento, e esteve presente durante todo o semestre, foi a questão de aproximação e

coletividade. A articulação dentro do projeto Contracondutas foi difícil e por vezes problemática, pois, apesar do papel de diálogo e complementariedade entre as propostas assumido pela curadoria geral do Contracondutas, e por mais frutíferos que se apresentem os artistas e as propostas de seus trabalhos, por vezes faltou articulação entre elas para um maior alcance de suas potencialidades coletivas. Entretanto, a proposta da curadoria geral do projeto, as temáticas abordadas e a concomitância no tempo (e por vezes no espaço) dos encontros propostos por meio das iniciativas do projeto, somados a todo processo que decorreu no Contracondutas (palestras, encontros e estratégias de extroversão) foram em si possibilidades profícuas de diálogo entre os diversos agentes envolvidos no trabalho, por meio de pesquisadores, artistas e demais profissionais, e mesmo com e entre o público – o que nos leva a afirmar que foram atingidos os objetivos propostos e atendidas as perspectivas iniciais do projeto, obtendo-se os êxitos esperados *a priori*.

Tratou-se de uma oportunidade única aos alunos da Unidade Curricular Laboratório de Práticas e Pesquisas em História da Arte III (que privilegia exatamente os processos de curadoria e mediação) acompanhar e refletir sobre as práticas de mediação e curadoria adotadas pelos curadores do projeto Contracondutas. Isso permitiu aos alunos pensar sobre a difícil tarefa de uma curadoria em seus diversos âmbitos, e até mesmo pensar em outras possibilidades de diálogos mais próximos e intensificados. Se estivessem presentes no projeto, desde o início, os envolvidos e impactados pela obra poderiam atuar não apenas como coadjuvantes ou fontes e premissas de pesquisas, mas como mediadores do processo e agentes ativos, e talvez os resultados tivessem sido mais abrangentes, privilegiando, sobretudo, a construção coletiva.

Em muitos trabalhos realizados na arte contemporânea, é a produção que se destaca pelo seu caráter experimental e inovador, talvez mais que a própria obra final, ou melhor, a obra é exatamente a produção e não seu resultado. Basta observarmos os trabalhos como a arte ativista de Tucumán Arde, que, por meio de seu caráter artístico-político, busca explorar a interação entre linguagens artísticas e a ação coletiva, ou seja, se realiza por intermédio de uma atuação coletiva e multidisciplinar, não se esgotando em si mesma, na qual a centralidade

da ação é deslocada para o público, promovendo com isso a transformação da realidade, compreendendo a integração entre arte e vida (política).

Se analisarmos ainda os trabalhos do artista Hélio Oiticica, cuja produção se destaca exatamente por pressupor uma ativa participação do público, destacando a necessidade de superação do modelo tradicional em que a participação deve estar presente na produção e não apenas no final. Em muitos dos seus projetos – como em *Éden*, através da ideia dos Ninhos –, podemos destacar a participação do público por meio de vivências individuais e coletivas, em que a experiência artística é centrada no corpo e na ação comportamental como uma força criativa coletiva.

Segundo David Sperling, com Oiticica mostra-se que o sujeito na ação do próprio viver é o ser criador e o próprio “objeto” da arte. Em seu projeto *Éden*, o que importa é a criação de espaços estruturados, livres ao mesmo tempo à participação e invenção criativa do espectador. Vale ressaltar a importância da dimensão deste projeto, pois o mesmo nasce como desejo de repensar o espaço das galerias, pensando-as como recinto-participação, espaço-comportamento, ou seja, com ele está inscrito outra relação sujeito-objeto, através, principalmente, da participação coletiva, na qual Oiticica se opõe completamente ao sistema da arte baseado na representação.

A promoção da “liberdade no espaço dentro-determinado” proposta por Hélio Oiticica realiza a desprogramação do sujeito, chamado a uma participação aberta, e do coletivo, sensibilizado a perceber sua existência, por meio da desprogramação do espaço, desfuncionalizado e refundado, e da ação artística, fluidificada no espaço-tempo da existência. [...] Com *Éden* e com “The senses pointing towards a new transformation”, Oiticica se opõe definitivamente ao sistema da arte como representação: a produção de objetos de representação que requerem espaços expositivos para serem contempladas por um sujeito (SPERLING, 2007, s.p.).

Neste sentido, artistas contemporâneos como Hélio Oiticica e coletivos como Tucumán Arde foram fundamentais para a concepção das ideias para o dispositivo expositivo itinerante BASEmóvel, pois é exatamente seguindo os preceitos presentes em suas obras que podemos pensar novas formas modulares de mediação e práticas curatoriais, a fim de promover um instrumento

de diálogo entre a sociedade e a universidade, por meio de um espaço de encontro e partilha da sensibilidade, na qual o espaço seja promotor da construção de uma obra coletiva.

A própria construção do dispositivo expositivo itinerante está sendo realizada e proposta de forma coletiva, possivelmente, um delineador que produzirá um instrumento amplo, agregador e com maior ação dentro da proposta de mediação pública. O que permitirá a criação e experimentação de diversas formas de mediação crítica.

Durante o processo de construção do dispositivo que está em fase de realização, foram propostas pela direção geral do projeto Contracondutas, atividades públicas sobre o projeto, com principal enfoque no projeto BASEmóvel, por meio de uma oficina e grupo de trabalho que se concentrou em pensar esse dispositivo de mediação que pretende atuar em Guarulhos e em outros contextos específicos de São Paulo. A curadoria geral do Contracondutas – em conjunto com o artista Vitor César, os professores e estagiários da UNIFESP, os artistas das intervenções públicas e demais envolvidos no projeto – discutiu e idealizou as proposições iniciais que vão ser a base da construção deste dispositivo, buscando compreender, *a priori*, as demandas e questões apresentadas pelos artistas, necessárias para a construção, para que este possa se concretizar atendendo as principais exigências suscitadas.

Tratou-se de um momento oportuno, em que se privilegiou o diálogo coletivo, em que os principais envolvidos se propuseram a dialogar, buscando soluções concretas para os problemas reais que envolvem a construção do dispositivo, sobretudo no que se refere à sua questão física e material (dimensões, materiais, formas e conteúdos da BASEmóvel). A questão mais problemática apresentada nos encontros foram as de ordem burocráticas e técnicas que envolvem a principal concepção do dispositivo, sua itinerância.

Todas as questões que envolvidas em sua a idealização, desde as discussões e até mesmo sua construção, privilegiaram exatamente aquilo que se pretendia para ela – o caráter coletivo dos envolvidos, de partilha e encontro da sensibilidade. Esse trabalho, altamente profícuo, está sendo desenvolvido exatamente com os caracteres que permeiam a arte contemporânea e seus principais preceitos. Tal como a construção deste dispositivo, sua ativação e

utilização é pretendida por meio das mesmas proposições, uma dinâmica que privilegie a produção e a construção coletiva através de relações horizontais, contrárias aos modelos tradicionais de mediação que sugerem relações verticais de subordinação, dinamizando, com isso, a produção de um conhecimento que atue coletivamente nos agentes envolvidos, promovendo a inclusão, integração e coesão social.

O fundamental é que esta base seja itinerante, exatamente para que a universidade não seja apenas um espaço passivo, mas que seja possível que essa BASEmóvel se transforme em um instrumento ativo, que vá ao encontro daqueles que estão fora do sistema das artes, atuando em escolas, parques, praças, terminais de ônibus, coletivos ou espaços culturais, permitindo sempre reinventar seus processos de interatividade a cada nova experiência. Abrir-se para a cidade é uma tarefa que a universidade deve cumprir, enfatizando o seu caráter de pesquisa e extensão e retirando o espaço acadêmico do isolamento, tal como faz o Aeroporto de Guarulhos, condição tão criticada ao longo do projeto Contracondutas. Isso permitirá que futuros Laboratórios em Práticas e Pesquisas em História da Arte possam refletir sobre sua principal questão – discutir os problemas da exposição pública da arte, os métodos e questões inerentes à curadoria e à estruturação de espaços expositivos, compreendendo-os dentro das relações de poder que estruturam, hierarquizam e delimitam o sistema das artes e os que são dele apartados.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p.25-51.

CRIMP, Douglas. *Sobre as ruínas do museu*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Que é un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert ; DELEUZE, Gilles et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999, p.155-163.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- _____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OBRIST, Hans Ulrich. *Uma breve história da curadoria*. São Paulo: BEI, 2010.
- O'DOHERTY, Brian. *No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RAMOS, Alexandre Dias. (org.). *Sobre o ofício do curador*. São Paulo: Editora Zouk, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34; EXO, 2009.
- SPERLING, David. *Corpo + Arte = Arquitetura*. As proposições de Hélio Oiticica e Lygia Clark. *Revista Fórum Permanente*, Seguindo fios soltos: caminhos na pesquisa sobre Hélio Oiticica (número especial), 2007. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/painel/coletanea_ho/ho_sperling>. Acessado em jan. 2017.

Notas

1. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2014). Atualmente é aluno do curso de História da Arte da mesma universidade.
2. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (2014). Atualmente é aluno do curso de História da Arte da mesma universidade.
3. “Partilha do sensível” é uma teoria proposta por Rancière que relaciona política e estética, articulando fundamentações para ambos os conceitos de forma a pensar a contemporaneidade.
4. “Linha de fuga” é um conceito utilizado por Gilles Deleuze referindo-se a possibilidades de diferentes caminhos, como um modelo de resistência de um modelo totalizante e fechado, rompendo com as estruturas de aprisionamento impostos pela sociedade capitalista.
5. “Pensamento nômade” é um conceito de Gilles Deleuze que se refere a um pensamento sem imagem, em que não estão postos os pontos de chegada ou de partida, mas sim os trajetos que percorrem. Trata-se de um processo de desterritorialização do pensamento por meio de uma multiplicidade de acontecimentos, do encontro com o imprevisto, possibilitando a criação de “linhas de fuga”.